

Pessoal armado, material de guerra e desinformação. A receita dos mercenários russos na República Centro-Africana

Publico.pt/2022/01/20/mundo/noticia/pessoal-armado-material-guerra-desinformacao-receita-mercenarios-russos-republica-centroafricana-1991662

Ivo Neto, Infografia | PÚBLICO

Exclusivo

Wagner

Desde 2020 que operacionais do grupo Wagner, com ligações à Rússia, reforçam presença na República Centro-Africana. No final de 2021, um polémico relatório apontava que soldados treinados por forças da UE estavam a ser controlados por estes mercenários.

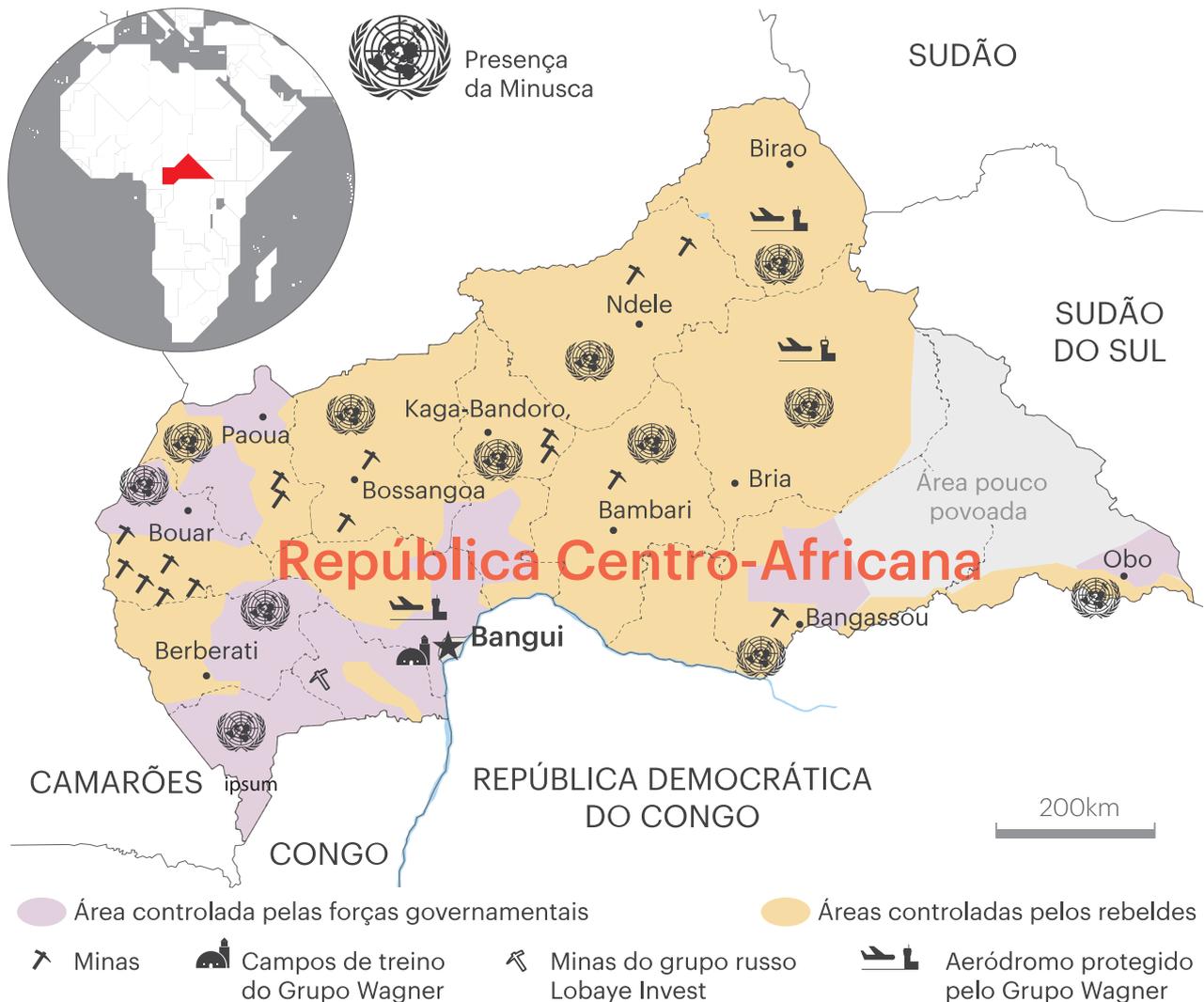


Foto

República Centro-Africana Reuters/ANDREEA
CAMPEANU

São mais de dois mil os mercenários da Wagner que actuam, desde o início de 2021, na República Centro-Africana (RCA). Uma presença cada vez mais forte e que culminou, em Dezembro, com a suspensão de uma missão da União Europeia (UE) no país, depois de os russos terem assumido o comando efectivo de soldados treinados pelas forças internacionais. É mais um exemplo da forma como o Kremlin tem usado este grupo para alargar a influência no continente africano, apontam especialistas ao PÚBLICO.

Composição das forças militares na República Centro-Africana



Fonte: Minusca; Novetta 2021 em Council on Foreign Relations

PÚBLICO

Aumentar

Carlos Alves (nome fictício) esteve, entre 2018 e 2019, numa missão da MINUSCA (Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana). Para o português, que trabalhou para a ONU noutros países do continente, como o Mali, o relatório, conhecido no final de 2021 e que dava conta de que os elementos da Wagner tinham assumido “o comando efectivo” de, pelo menos, um batalhão das forças armadas treinado pela UE, não é uma surpresa e até peca “por ser demasiado brando”.

Reconhecimento da população local é chave na afirmação da Rússia

“A Wagner tem uma influência muito grande no país. Se repararem, em fotos publicadas nos media, são homens brancos, quase sempre de origem russa, quem faz a protecção pessoal do Presidente, Faustin-Archange Touadéra, e têm até conselheiros próximos do

Presidente. Eles estão por todo o lado e são muito mais reconhecidos pela população local do que qualquer força da ONU ou da UE”, explica este português que partilhou a mesma geografia que os activos da Wagner.



Foto
Faustin Archange Touadéra REUTERS/Antonie
Rolland

De acordo com dados avançados ao PÚBLICO pelo The Sentry, uma ONG que investiga crimes de guerra em África, o grupo russo, com quem o Kremlin nega ter qualquer relação oficial, chegou ao país em 2017. Mas foi com os ataques dos rebeldes, no final de 2020 e na sequência das eleições que reconduziram Touadéra no poder, que o grupo paramilitar se tornou relativamente hegemónico. “O apoio da Rússia, no caso da RCA, traduz-se com a ajuda militar contra os rebeldes. E isso foi oferecido por meio do uso da Wagner”, contextualiza Jovana Ranito, especialista na área de segurança privada na University College Twente.

“Já em 2018 e 2019, a presença russa era absurda. Pelo que se vê no relatório, hoje é ainda pior”, confessa Carlos Alves. Os russos, de acordo com o que o português teve oportunidade de perceber, têm um papel muito mais activo junto dos locais do que as forças internacionais. “Se alguém que vive numa aldeia longe da capital for ameaçado por rebeldes e contactar as forças internacionais, vai ter de esperar dois ou três dias até chegar alguém. Por outro lado, se contactarem directamente com os russos, no mesmo dia têm lá soldados, bem equipados, para os protegerem. A quem é recorria nesta situação? A resposta parece óbvia...”

União Europeia suspende treinos na RCA

A influência crescente junto da população local é como que um sinal do que estava a acontecer no teatro de operações. “Actualmente, a maior parte das unidades das Forças Armadas Centro-Africanas (FACA) deslocadas no terreno estão a operar sob comando ou supervisão directa dos mercenários da Wagner”, podia ler-se no relatório enviado no final de Novembro ao Conselho Europeu e elaborado pelo Serviço de Acção Externa Europeia, sobre o Ambiente Político e Estratégico da missão de política comum de segurança e defesa na RCA.

Como consequência, a UE suspendeu temporariamente a missão de formação na República Centro-Africana (EUTM-RCA), que actualmente conta com a participação de 17 militares portugueses. De acordo com fonte da Comissão Europeia em declaração ao PÚBLICO, há, junto dos responsáveis europeus, uma preocupação crescente de que “nem todos os actores envolvidos na RCA respeitem as normas internacionais dos direitos humanos”. “Esta cooperação [entre o Governo da RCA e a Wagner] foi estabelecida sem qualquer tipo de transparência”, lamenta a fonte europeia ouvida pelo PÚBLICO. O PÚBLICO tentou, junto do Ministério da Defesa, perceber se há militares portugueses integrados no batalhão em causa, mas até ao momento da publicação deste artigo não teve resposta.



Foto
Elementos da MINUSCA NA RCA
EPA/ADRIENNE SURPRENANT

Direitos humanos ou segurança?

E o que difere a forma de actuar das forças europeias do que é feito pela Wagner? A resposta, aponta Carlos Alvos, é clara. “As forças internacionais preocupam-se com formações relacionadas com os direitos humanos, os direitos civis. É importante, claro. Mas o cidadão comum fica muito mais seguro se olhar para o ar e ver um helicóptero armado ou ver acção mesmo no terreno. É isso que as pessoas querem e é isso que a Wagner faz, sem se preocupar tanto com os direitos humanos”, explica. “Eles andam na rua, de calções, com as AK-47, completamente à vontade. Para entrar em algumas das áreas, mais perigosas e onde as forças internacionais ou o Governo não conseguem ter grande influência, temos de lhes pedir autorização”, exemplifica.

Esta diferença é igualmente apontada pela fonte europeia ouvida pelo PÚBLICO: “A missão de treino da EUTM não é de combate, não está fisicamente envolvida no terreno.” E foi este o motivo que levou os responsáveis europeus a travarem as formações naquele país. “Os relatórios dizem-nos que o BIT7 (Le bataillon d’infanterie 7) [um grupo de soldados treinado pela EUTM] não está a ser usado de acordo com as disposições acordadas. Durante o treino, o pessoal do BIT7 recebeu formação relacionada com direitos humanos, igualdade de género e direito internacional humanitário, conforme prática habitual”, aponta a mesma fonte.

Na sequência desta ingerência por parte dos mercenários da Wagner, a UE adoptou, ainda em Dezembro, um conjunto de sanções ao grupo. Oito pessoas ligadas à empresa são também alvo de sanções, incluindo o fundador e responsável de operações do grupo na Ucrânia, Dimitri Utkin.

Ao PÚBLICO, Sorcha MacLeod, presidente do grupo de trabalho da ONU sobre o uso de mercenários, explica que o envio de indivíduos não regulamentados para teatros de guerra abre a porta ao “risco de graves violações dos direitos humanos e do direito internacional humanitário, incluindo execuções sumárias, assassinatos indiscriminados e violência sexual”.

Este organismo, que opera de forma independente para a ONU, “já recebeu várias denúncias relacionadas com graves abusos de direitos humanos, e que podem chegar a crimes de guerra, atribuídas a pessoal militar privado com ligações à Rússia, que operam em conjunto com as forças armadas na RCA e em alguns casos com as forças de paz da ONU”, lamenta MacLeod. “O facto de não terem a lei acima deles deixa-os com liberdade para agir da forma que entenderem e isso causa o sentido de insegurança na população”, remata Jovana Ranito.



Foto
Força de segurança das Nações Unidas em Makunzi
Wali REUTERS/Baz Ratner

Mesmo sem uma ligação oficial a Moscovo, o grupo não deixa de promover os interesses do Kremlin nos diversos locais. “Os regimes autoritários que se tornam vulneráveis vão procurar apoio entre os países como a Rússia, que lhes podem oferecer tanto o apoio militar através da Wagner (sem consequências perante o direito internacional) e o apoio político internacional nas organizações internacionais (pelo uso de veto, por exemplo)”, explica a investigadora.

A desinformação e as técnicas de propaganda russas

Mas não é só no campo de batalha que a Wagner opera de forma a minar a influência ocidental. O controverso relatório lança indicações sobre a forma como estes operacionais usam técnicas de desinformação.

“Geralmente, trata-se de acção coordenada em diferentes plataformas sociais, por vezes apoiada por meios de comunicação social tradicionais, que procuram criar uma narrativa favorável aos interesses russos em diferentes países africanos e que, de acordo com vários relatórios, tem um cunho forte de descredibilização das ações ocidentais, em particular da presença de países como a França, Reino Unido e Estados Unidos no contexto africano”, explica Maria Raquel Freire, professora catedrática de Relações Internacionais na Universidade de Coimbra.

Através de contas no Facebook, Twitter ou Instagram, lançam mensagens com mira apontada à “presença de forças europeias, com desígnios coloniais e agendas anti-islâmicas”. Todo um processo que tem como fim condicionar a “presença e trabalho desenvolvido por estas missões e também ao nível da cooperação bilateral europeia com diferentes países africanos”.

Em Maio, o estádio Barthelemy Boganda, em Bangui, com capacidade para 50 mil pessoas, encheu e não foi para um jogo de futebol. Milhares de espectadores assistiram à estreia do filme russo *O Turista*. De acordo com a CNN, foi gravado na RCA e retrata os combates de um grupo de militares russos contra rebeldes nacionais. Há até mensagens claras que atentam deliberadamente às forças ocidentais: “Os americanos dizem que lutam contra a democracia, a Rússia luta pela justiça.”

“A criação de uma narrativa determinada é o objectivo”, aponta a especialista da Universidade de Coimbra. Uma realidade confirmada no terreno por Carlos Alves. “Há imensos posters a agradecer a presença russa e o apoio dos russos no território. O sentimento da população é muito favorável à actuação da Wagner”, diz.

Uma estratégia que não se verifica apenas na RCA e que tem repercussões também noutros países. Um outro filme russo, *Granite*, estreou-se também em 2021 e retrata a acção de militares russos em Moçambique, o mesmo local onde a Wagner esteve durante os confrontos em Cabo Delgado. “Os relatórios a que temos acesso confirmam que estas estratégias estão a ser alargadas a diferentes países africanos, como o Sudão, República Democrática do Congo, Madagáscar, Líbia, entre outros”, adianta Maria Raquel Freire.

A “competição de visões” entre a Rússia e a Europa

Além do interesse em riquezas naturais, como ouro e diamantes, locais onde os militares da Wagner prestam serviços de segurança armada, o interesse da Rússia naquele país africano tem como mote questões geopolíticas. “Moscou tem na República Central Africana uma oportunidade de entrar num país em que, até agora, apenas a França mostrou interesse particular”, conta ao PÚBLICO Alex Vines, director do Programa Africano da Chatham House.

Para a Rússia, “a presença da Wagner, sempre sem uma relação oficial com a Rússia, implica não levar com as consequências de responsabilização no envolvimento nos conflitos directos de outro país soberano, sem mandato internacional, e ao mesmo tempo garantir as vantagens económicas”, refere Jovana Ranito.

Tal como acontece no Mali, na Líbia e até em Moçambique, “a Rússia está a preencher um vazio”, aponta Alex Vines. Questionado sobre o que pode a UE fazer neste contexto, o responsável é claro ao dizer que “o desligamento total na região” não pode ser uma opção e aponta aos desafios diplomáticos que se avizinham.

Em breve, realizam-se a Cimeira da União Europeia e da União Africana, em Bruxelas, e a Cimeira da Rússia e África em São Petersburgo. “É uma oportunidade crucial para a UE demonstrar a sua disponibilidade financeira, a capacidade para apoiar o desenvolvimento da região de uma forma séria, apoiando o sector privado e a construção de instituições que promovam uma governação melhor. É uma competição de visões entre as duas forças”, diz o responsável.